

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRACÃO PARA PORTUGAL E BRASIL

DIRECTOR E PROPRIETARIO : SALOMÃO SARAGGA
7, rue du Centre, Paris

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa.

VOL. Iº.

PARIS, 28 DE FEVEREIRO DE 1878.

NUMERO 7.



Nasceu em Sinigaglia a 13 de Maio de 1792

PIO IX

Faleceu no Vaticano, em Roma, aos 7 Fevereiro de 1878.

SUMMARIO

TEXTO

| | |
|--|----------------------|
| Correio de Paris, | Guilhermino de Sá. |
| Pio Nono, | |
| Um concilio ecumenico | |
| Tentativa de Viagem ao Pólo Norte, | |
| D. Quixote, | Julio Cesar Machado. |
| Perdido, sem esperança | Bento Moreno. |
| O enterro d'um cão, | Duatyeff |
| A mãe adoptiva, | |
| O dobre dos tubarões, | |
| Aguas serenas — Esperando em vão, | João Tedeschi. |
| Revista bibliographica, | |
| Variedades, | |

GRAVURAS

Pio Nono — Um concilio ecumenico na cathedral de S. Pedro em Roma — Tentativa de Viagem ao Pólo Norte em balões — Perdido, sem esperança — A mãe adoptiva — Aguas serenas — Esperando em vão.

CORREIO DE PARIS

Paris é por excellencia a cidade em que se practicam mais tolices, a par de actos os mais meritorios e dignos. N'um dia correm implacaveis pelas ruas, e destroem na sua ira tudo o que encontram, monumentos, casas, archivos, homens, mulheres, crianças. No outro, os mesmos parisienses da vespera vão, consternados e commovidos, depôr nos cemiterios, coroas de saudades, sobre as sepulturas. Outra vez juntam-se todos e lá vão pedir que lhes dêem trabalho, ficando muito contentes, por obterem do governo licença para abrirem grandes covas n'um campo largo, e taparem-nas no dia seguinte com a mesma terra. N'outra occasião invocando os *Direitos do Homem*, armam uma Revolução, destroem todos os privilegios, e proclamam a maior das liberdades; mas no dia seguinte, os mesmos, collocam á testa da nação, para a governar, o homem mais autoritario e despótico que ainda existio. Tudo isto vem a propósito das manias successivas que se apoderam da cabeça d'este povo, manias, cuja historia seria curiosissima, se alguém se desse ao trabalho de a fazer, consultando as chronicas de todas as épocas da vida d'esta nobre cidade.

Appareceu á venda, no principio d'este anno, uma estampa de pequeno formato, representando uma arvore no meio; aos lados viam-se varios animaes e uma familia composta de quatro ou cinco pessoas. Tem inscripto por baixo o seguinte: *A partida do Bulgaro. Larga a casa com a familia; mas andam à procura do gato: onde está elle?* A pessoa que examina a estampa, consegue descobrir por entre as folhagens da arvore a figura do gato. O preço é modico, custa cada uma, por miudo, dois sous (18 réis) e por atacado, metade. Segundo dizem, o homem que inventou esta inepcia ganhou em poucos dias perto de 3 contos de réis.

Ainda não eram passadas trez semanas e já havia quatro centas estampas, com outras tantas perguntas diferentes, qual d'ellas mais tola e mais mal feita. Umas, no gosto da primeira (origem de tanto mal), perguntavam: *Onde está a lebre? Onde está o palhaço? Onde está o ovo?* Outras referiam-se a scenas de theatro e

intitulavam-se *Os sinos de Cornerille, Madame Angot etc.* Outras, com pretensões a enigmas politicos perguntavam: *Onde está Victor Manuel? Onde está a Republica?*

Para variar a triste monotonia d'esta estupida brincadeira havia outras que era preciso dobrar para se resolver o problema. Perguntava-se *Onde está o pastor?* Via-se um rebanho de carneiros, ao longe uma igreja, e approximando as duas extremidades do papel, percebia-se a cara do papa coberto com a thiara. Intitulava-se uma d'estas: *O segredo da felicidade.* Por entre muitas linhas que se cruzavam em todos os sentidos, seguindo-se uma horizontal, descobria-se esta parvoice: *Esqueçam para sempre pezares e desgraças, para saborearem os prazeres do rei da felicidade.* Na *Historia enigmatica do que se ha de passar este anno*, vêem-se quatro numeros, 10, 70, 10, 10, os quaes, sobrepondo-se, formam 1878. O que ha de passar este anno, é o anno de 1878. Vejam que coisa tão bonita e tão profunda!

Ahi tem sumariamente a historia do divertimento idiota que foi moda durante os primeiros dois meses de 1878, entre o povo que tem a reputação de ser o mais *espirituoso* da terra.

— *Au hasard de la fourchette*, o que quer dizer em bom ou máo portuguez, o que o garfo der, é o nome que dão o povo parisiense a uns estabelecimentos immundos, hoje muito raros, onde a troco de um *sou* (9 reis) tem o freguez o direito de espetar um garfo n'um caldeirão immenso. N'esse caldeirão ha hortaliças de todas as qualidades, batatas, pedaços de carne e caldo resultante da cosedura d'aqueles ingredientes. O freguez dá o *sou*, recebe uma pequena tigella vazia e um garfo, que espeta ao acaso no caldeirão. O que veio, veio. Na maioria dos casos vem, como é natural, do que mais abunda na marmita, uma cenoura, uma batata ou um talo de couve. Mas pôde ser feliz, pôde ter a boa fortuna de apanhar um grande pedaço de carne. Em qualquer dos casos enchem-lhe a tigella de caldo e como quasi sempre vem munido com um pedaço de pão, o desgraçado janta com aquella parca comida.

Os frequentadores d'estes estabelecimentos, como é de suppôr, não constituem um typo unico. A unica qualidade commum a todos é a miseria. E' o operario bebedo e sem trabalho, é o vigiado pela polícia por ter practicado boas obras, o assassino ás vezes, emfim são em geral os que por qualquer motivo estão mal com todas as sociedades, com todas as politicas e com todas as civilisações. Hoje são raros esses estabelecimentos, e ha já bastantes annos que não vejo nenhum. O ultimo que vi, foi em 1866, perto da *place Maubert*.

— Outro estabelecimento curioso é aquelle em que passam a noite alguns d'estes miseraveis. São hospedarias onde se dorme à la corde. Chamam-lhe assim porque não ha camas. Ha simplesmente dois bancos ao comprido da casa, um de cada lado, e uma corda ao lado dos bancos preza na parede á altura de um homem sentado. Não ha mais nada a fazer do que entrar, pagar dois sous (18 réis), sentar-se n'um banco, encostar o queixo á corda, fazer a diligencia por dormir, meditando n'alguma façanha em beneficio do proximo, e pela manhã ir tractar da vida.

Ainda ha poucos dias vi um d'estes estabe-

lecimentos na rua S. Jacques. Julgo que não é o unico, actualmente em Paris.

— Os estudantes da facultade de direito de Paris estão endiabradados. Ha uns tempos para cá entenderam que havia na facultade um lente que, apesar de possuir os conhecimentos necessarios para rege a cadeira, não estava capaz de exercer o cargo, por se explicar mal — d'uma maneira confusa segundo o dizer dos estudantes. Ha quasi dois meses, as coisas passavam-se assim:

O lente principiava o seu discurso perante um auditorio tranquillo e attencioso. Dentro em pouco as phrases começavam a entrar umas pelas outras e a embrulharem-se. Primeira phase.

Os estudantes tossem, murmuram, e o professor entra nos longos periodos, periodos sem fim, periodos peiores do que os labyrinthos, inextricaveis como uma meada embaraçada. Então, cantam um córosinho, baixo, a *mezza voce*, mas em termos, com affinação, no qual entram todos: baixos, baritonos e tenores. As operas escolhidas são a *Madame Angot* e *Orpheu nos infernos*. Segunda phase.

O professor não tendo podido sair de muitos periodos começados e não acabados, resolve-se a começar um unico, mas um só, maior do que os outros, immenso, tão grande como o numero d'annos que viveu Mathusalem, e, enquanto vae navegando no meio d'aquelle cerração, sem ver boia, nem saber aonde vae parar, os estudantes começam outro córo, o da dame Blanche, mas em voz alta, como quem quer exhibir os seus recursos vocaes. O professor, emfim, respira, limpa o suor da agonia provocada pelos cuidados que teve em quanto andou perdido pelos caminhos, atalhos e veredas sem sahida, e, no entretanto, os estudantes chegam ao melhor do córo, ao cheio, ao momento em que se diz *les montagnards, les montagnards les montagnards*, e ahi, depois de cada um ter dado a ultima nota com toda a força dos pulmões, callam-se todos. Silencio profundo. Terceira phase.

O lente ataca outro periodo, ainda se não sabe se curto ou comprido, nem nunca se veio a saber. Apenas, porém, se sóme nas brumas espessas da confusão, uns começam a cantar diversas arias, outros encetam novos córos, outros imitam vozes de diferentes animaes, outros gritam desordenadamente: basta basta. É um charivari infernal. O professor levanta-se e diz que está dada a hora. Ultima phase.

Isto não podia continuar assim. Depois de mil ameaças e reprehensões a que os estudantes não cederam, vio-se obrigado, por ultimo, o décano da facultade, a assistir em pessoa a uma lição. Ora, como este tem o direito de suspender ou riscar da lista dos estudantes quem bem lhe parecer, aconteceu que n'esse dia houve periodos mas não houve musica. Mas o décano tem mais que fazer, e não lhe é possivel ir todos os dias para a aula com o fim de evitar que os estudantes manifestem o seu talento musical.

Não sei que fim terá este conflicto. No entretanto o curso foi suspenso. Os estudantes declararam que se o homem continuar a fallar desenvolvendo os seus recursos oratorios, elles pela sua parte estão resolvidos a exercitarem-se na arte musical, por ser uma das mais bellas que o homem tem cultivado. Se entendem que n'uma aula de direito não deve haver musica, por melhor que ella seja, calle-se o homem, que elles

se callarão. É o que está acontecendo. A arte e a ciencia vieram a um acordo, pactuando e assignando um armistício, em quanto se não declarar uma paz definitiva.

GUILHERMINO DE SÁ.

PIO IX

Pio IX nasceu a 13 de maio de 1792 em Siniaglia, cidade dos Estados Pontifícios, situada entre os Apenninos e a costa. É uma cidade modesta e tranquilla, de que se não ouvia falar senão uma vez cada anno, em consequencia da famosa feira que alli havia todos os annos desde 30 de julho até 8 de Agosto, e que, n'aquelle tempo, era a mais consideravel de todo o sul da Italia. Seu pae o conde Girolamo Mastai-Ferretti e sua mãe a condessa Catharina Sollazzi tinham seis filhos quando elle veio ao mundo. Foi baptizado no mesmo dia com os nomes de Giovanni Maria Gian-Battista Pietro Pellegrino Isidoro. Aos onze annos foi entregue ao padre astronomo Inghirami, para ser educado no collegio que elle dirigia. Aos dezesete annos, os ataques epilepticos de que soffreu até muito depois, assaltavam-no tão frequentemente e com tanta violencia, que muitas vezes o julgaram em perigo de vida. Esta doença por pouco que o não impedio de entrar na carreira ecclesiastica. Apezar d'isso requereu e obteve a tonsura.

A 5 de Janeiro de 1818 João Maria Mastai recebia as ordens menores. Para entrar para sub-diacono e presbytero foi-lhe preciso obter dispensa. Pio VII por favor especial libertou-o da condição que lhe tinha sido imposta de não dizer missa sem a assistencia de outro padre.

No domingo de Pascoa de 1819, disse a sua primeira missa, na modesta igreja de S. Anna di Falegnami, edificio adjuncto ao hospital de Tata Giovanni, de que foi nomeado director. Pouco depois obteve o ser nomeado conego coadjutor da Igreja de Saneta-Maria na Via Lata. Foi por esta occasião que a sorte lhe deparou o primeiro ensejo para se distinguir. A revolta das colonias Hespanholas da America do Sul, e o estabelecimento da republica n'aquellas paragens como forma de governo, tornava necessário o regular-se de novo as relações das Ordens religiosas com as novas Republicas, e a Curia n'esse intuito decidira enviar Muzi para ali, na qualidade de Nuncio encarregado de tratar aquella questão politico-religiosa. Devido á protecção que lhe dispensava Della Genga—depois Leão XII—foi o conego Mastai nomeado secretario da missão. N'este penosissimo encargo soffreu muito, ora na viagem por mar, ora em terra, tendo de atravessar os Pampas a cavallo, entre mil perigos, e por fim vendo-se obrigado a viver mal alojado, e com pessimo alimento nas Republicas do Oeste. O principal negocio, a secularização dos mosteiros e conventos, foi levado a cabo, com sofrivel exito e contentamento de ambas as partes. Acabada a missão, depois de uma ausencia de dois annos, voltou a Roma, sendo nomeado, imediatamente, Director do Hospicio de S. Miguel de Ripa, um dos mais antigos e vastos estabelecimentos de caridade que existem. A desorganização da casa era completa, e exigia importantes reformas. Em menos de dois annos, o novo director, modificou, restaurou, renovou tudo.

S. Miguel é uma verdadeira escola para um principe temporal. Alli se accolhem todas as misericordias, ensinam-se todos os officios, e estudam-se tambem as bellas-artes. Logo que o infatigavel prelado acabou de pôr em ordem este immenso mecanismo, a Santa-sé entendeu que podia governar uma diocese. O papa Leão XII, deu-lhe o o arcebispado de Spoleto. Era em 1827, o jovem bispo contava apenas trinta e cinco annos.

Transferido em 1832 para Imola, séde mais importante, alli continuou desenvolvendo a mesma actividade na execução de boas obras. Imola ficou com um collegio para os estudantes ecclesiasticos pobres, um asylo para trinta orphâos, e outro para orphâas, entregue a irmãs de caridade, no qual instituiu duas escolas: uma gratuita, para os pobres, e outra para os abastados.

O bispo d'Imola tinha apenas quarenta e sete annos quando Gregorio XVI, appreciando-lhe o merito, reservou-o *in petto* para o cardinalato; no anno seguinte, era proclamado cardinal no consistorio de 14 de dezembro de 1840.

Gregorio XVI morreu oito annos depois. O seu pontificado tinha sido arduo; o reinado do seu sucessor apresentava-se com maiores dificuldades ainda.

A 8 de Junho saí o Cardeal Mastai d'Imola dirigindo-se para Roma. A 15 reunia-se o Conclave e a 16 era eleito papa com a denominação de Pio IX.

O pontificado de Pio IX, o mais longo da historia, foi tambem um d'aquelles em que as complicações da politica interna e externa foram maiores. Abstemo-nos por isso de entrar na critica das suas obras. E' cedo ainda para se emitir um juiz seguro e imparcial a respeito de acontecimentos tão graves e importantes. Faremos todavia uma observação acerca da politica dominante da Curia Romana n'estes ultimos tempos. Tem-se dito muita vezes que Pio IX era liberal. Ora Pio IX não podia falsear o papel que representava, nem atraçoar o deposito sagrado que lhe fôra confiado. Pio IX foi um homem digno e honrado e não podia de modo algum ser liberal na accepção em que tomamos esta palavra. O homem que assignou o Syllabus foi um homem fiel ao seu partido, e um representante zeloso dos interesses da Igreja de que era chefe. Catholic e liberal são palavras antinomicas. Para um Catholic Apostolico Romano não ha salvação fóra da doutrina da Igreja, e a Igreja não vê com bons olhos as modernas doutrinas que se denominam liberaes. Não é preciso ir muito longe para sair fóra do gremio e merecer uma reprehensão severa. Basta ler-se a biblia e meditar sobre ella para se incorrer nas penas da Igreja. Pio IX proclamando o dogma da infallibilidade não fez mais do que tirar a conclusão das primícias que se incluem no espirito tradicional da Igreja. Todos os bons catholicos não poderão deixar de adorar a sua memoria. Os que o não fizerem serão tudo o que lhes approuver menos Catholicos Apostolicos Romanos.

UM CONCILIO ECUMÉNICO

O concilio a que se refere a nossa gravura é o que se reuniu em Roma a 8 de dezembro de 1869.

Escolheu-se para esse fim um dos transeptos da cathedral de S. Pedro. Ao fundo está o throno do papa, com os cardenais formando semi-círculo de cada lado. Os bispos e outros dignitarios da Igreja tem assento m is abixo. O golpe de vista era dever s imponente, pois dir-se-hia que o transepto só por si é um cathedral, tal é o seu tamanho. E no entanto era apenas uma pequena parte da immensa basilica.

TENTATIVA DE VIAGEM AO POLO NORTE

Todas as tentativas feitas até agora por varias nações para alcançar o Polo Norte, tem ficado sem resultado. Ultimamente, porém, foi apresentado um novo plano pelo Commandante Cheyne, que parece ter por si bastantes probabilidades de exito. No mesmo dia em que chegava a Londres o telegramma do Capitão Nares, anunciando o ter-se malogrado o fim principal da missão, o Commandante Cheyne dava parte do seu novo projecto. Os Estados Unidos da America que estavam em vespertas de fazer uma nova expedição, resolveram imediatamente aproveitar a idéa e experimental-a.

Os trez balões, ligados pelo modo indicado na nossa gravura, podem levar seis pessoas, alem do lastro, mantimentos, tendas, cães, trens, gaz comprimido etc. Poder-se-ha passar de um para o outro com facilidade.

O navio irá até a uma certa latitude a ahí serão lançados os balões. O Commandante Cheyne propõe que os balões partam no fim de maio, arrebatados na curva de um círculo de vento, de conhecido diametro, rectificado approximadamente pelas observações meteorologicas feitas em dois outros observatorios collocados a trinta milhas de distancia, em direcções opostas. Calcula-se que, conhecido o diametro do círculo percorrido pelo vento, e sabida a distancia a que estiverem do Pólo, os balões possam chegar a pelo menos vinte milhas do alvo procurado com tanto ardor e perseverança. Chegados ahí, os balões serão bem amarrados, e, logo que as necessarias observações estejam concluidas no Pólo, voltarão pela mesma forma, depois de inflarem os balões com o gaz comprimido que levam armazenado. Os viajantes deverão suspender a marcha, na volta, ao sul do paralelo de latitude em que deixaram o navio, e o resto da jornada para este ou oeste, far-se-ha por meio de trens puchados por cães, que para este fim transportarem nos balões.

D. QUIXOTE

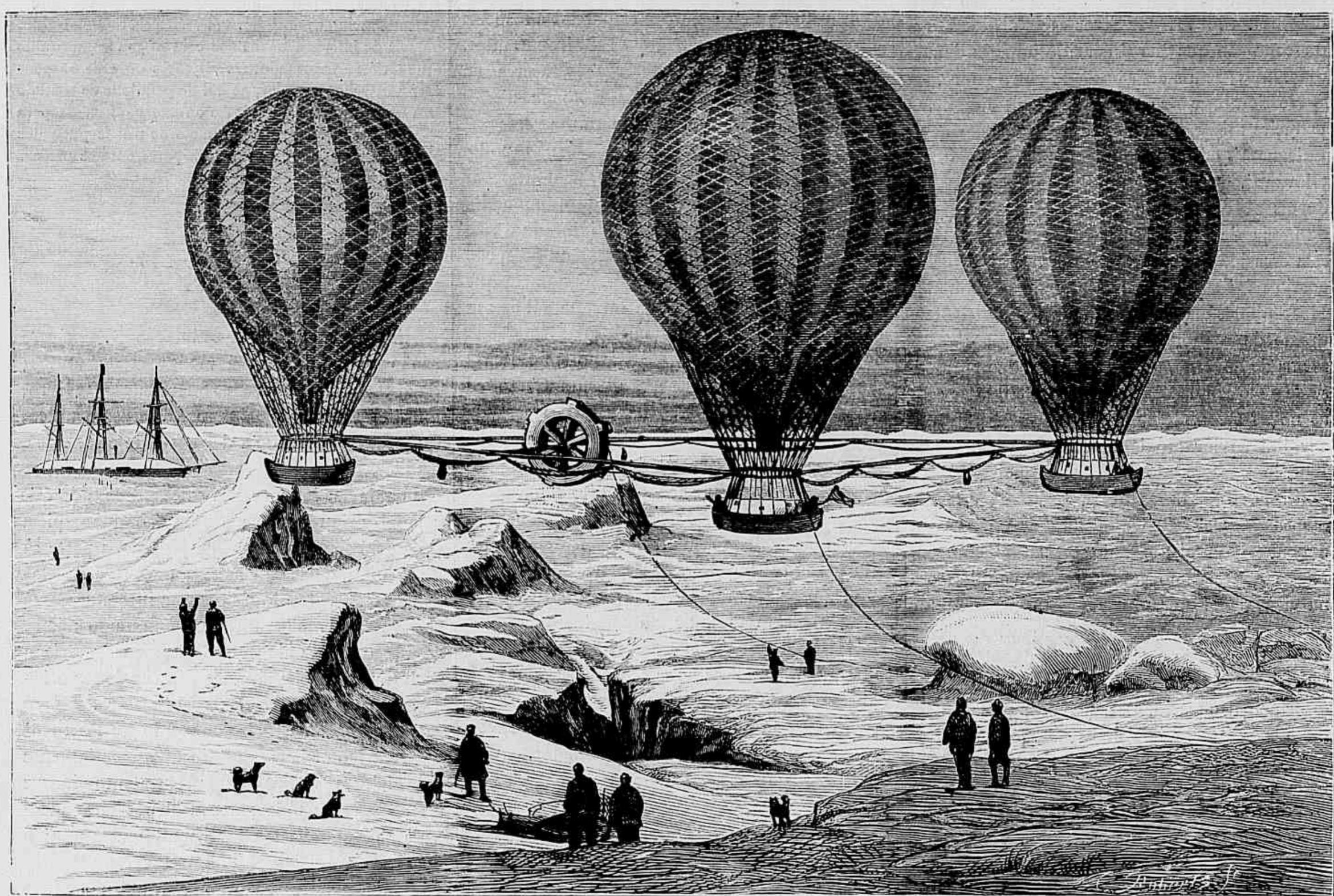
Ninguem principia a estimar o *D. Quixote* senão quando chega á madureza dos annos; d'ahi em diante cada vez se quer mais a este livro, e fica elle sendo um dos raros, talvez o unico, que sempre continue a dar gosto de o ler e de o estudar.

Já hoje nas letras cansa e desagrada tudo que seja falso; quer-se o natural; é o que explica o desdem com que o melhor publico, a parte sá da opiniao, deixa caír as exagerações, a affectação, os falsos arrebiques de uma litteratura, que chegou a ser moda entre nós, enquanto não se conheceu que toda aquella luz que parecia a do facho da inspiração, não passava de ser o lamento de um cigarro de papel bregeiro.

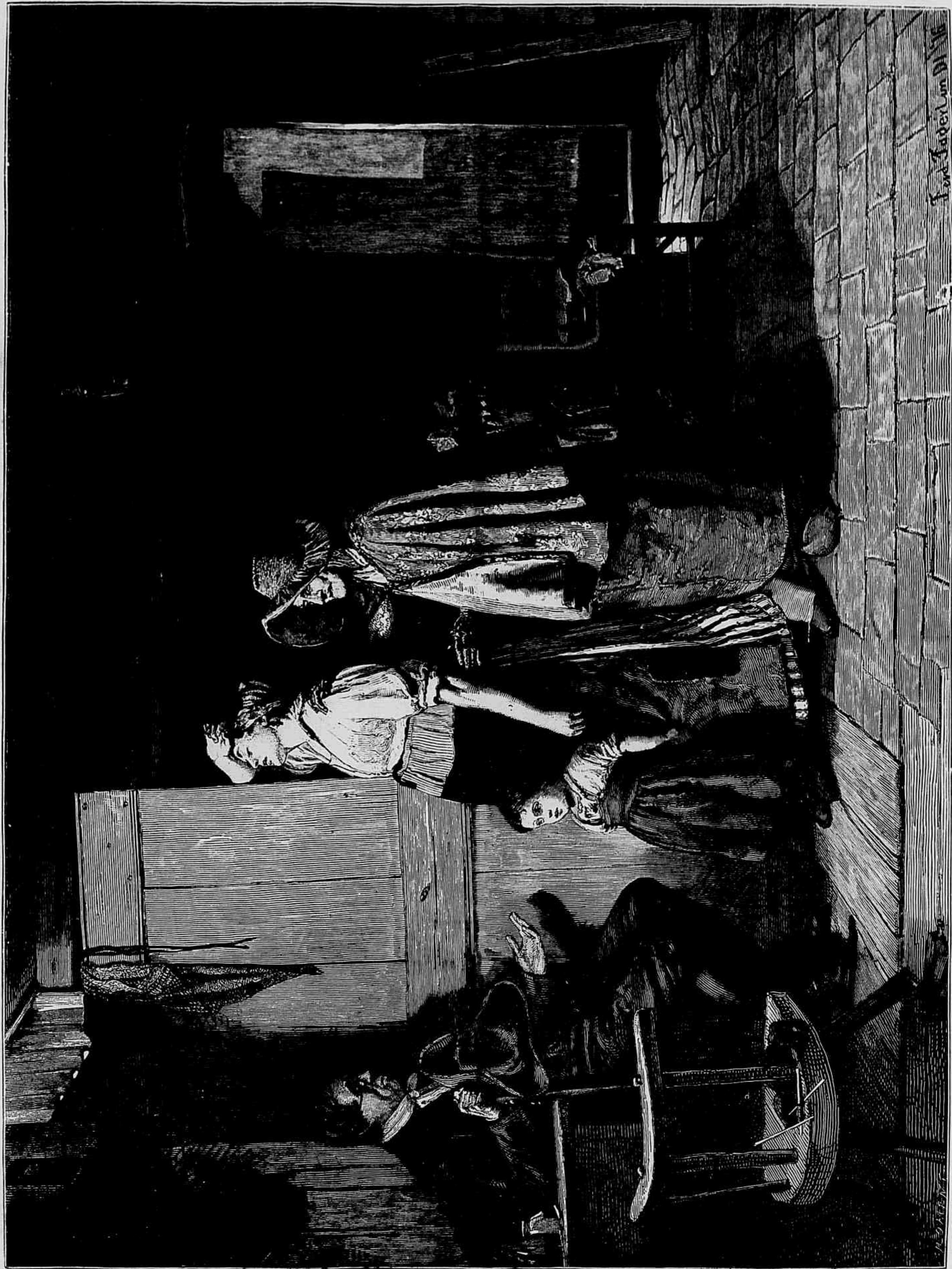
O *D. Quixote* é mais conhecido em Portugal por uma comedia antiga do que propriamente pela leitura do romance; entretanto houve tempo em que tudo pareceu dispôr-se a que a obra se generalisasse largamente entre nós; o *D. Quixote* foi impresso em 1605 com licença do Santo Officio, por Jorge Rodrigues, em Lisboa, e em hespanhol. O parecer do supremo conselho da inquisição declara que vio e examinou o livro e que:



UM CONCILIO ECUMENICO NA CATHEDRAL DE S. PEDRO EM ROMA



TENTATIVA DE VIAGEM AO POLO NORTE EM BALÕES



*Assi como vay: não leva causa algua des-
soante à doutrina catholica. E polla muyta elo-
quencia & engenho que o author n'elle mostra
se lhe pode dar licença que n'este Reyno se im-
prima por entrentimento & recreação.*

A informação é assignada por frei Antonio Freire, e a licença por Moraes Teixeira e Ruy Pires da Veiga.

Apezar d'isso, comquanto o livro seja dos mais nomeados em Portugal, poucos o conhecem de o haverem lido. Cuidam uns, na fé dos padrinhos, que elle seja a obra mais engraçada que possa haver: outros começaram a lê-la, de certa occasião, e não lhe acharam, a dizer a verdade, maior galanteria: e muitos dão-se por satisfeitos de não ignorarem a magreza nervosa, o nariz herico, o bigode cavalheiresco, e a pelle queimada pela dupla cresta da loucura e do sol que distinguem o *ingenioso hidalgo*.

O livro mais engraçado?

Sim. Decerto o é.

Mas é tambem — quanta gente ha que o não suspeita! — o livro mais melancolico.

Não á maneira e sabor dos chamados livros tristes, senão d'aquelle melancolia que se mostra na meia luz da esperança, susceptivel de occasionar destroços mais demorados, de menor apparencia porém mais profundos, do que os que promove a tristeza propriamente dita, dôres vaporosas e romanticas, o ter de pelejar *en fiera y desigual batalla*, o dar e levar por simples vineta de phantasista, e assim ir ficando desasado nos combates desejados, temidos, e inesperados sempre, da experiença.

Pobre D. Quixote, que vive de idealidade, de brio, e de orgulho, grande nas suas illusões, grande nos seus desvrios, que bem considerados, só o parecem, mas não o são, e parecem o pela scena, pelo quadro, que não pede taes lances e taes rasgos, mas não porque esses rasgos e esses lances não sejam, e sempre, proprios de cavalleiro em tudo realçado e nobre.

O que é elle?

Aquelle tenacidade, aquelle entusiasmo, aquelle resignação...

É doido?

Algumas vezes o parece; de outras é quasi isso, mas não é bem isso; é um homem que sofre da enfermidade moral a que se chama credulidade; sente em si uma consciencia que repugna á prosa rasteira e egoista; a imaginação multiplica-lhe o pensamento vago e primitivo, o sentimento innato da conquista.

Engolfa-se subito em qualquer acção, sem pensar nas consequencias; como quem vai de corrida e não hesita em saltar o muro que se lhe antepôr, vai, de umas vezes, cair do outro lado, de outras vezes estende-se, como diz o povo, logo ao armaz o pulo.

Escorjado pela sorte, batido como heroe sempre na idéa de ser perseguido e sacrificado por furor e inveja de outrem, e não logrando nunca senão ingratidões e chacotas, o pobre cavalleiro magro, debil, e mal montado, ainda com tudo isso excede em nobreza e rasgos de animo os que se riem d'elle e os que o derrotam.

Tem prenda mais rara de caracter que é, — conservar-se igual. É sempre o mesmo.

Na hora da partida, ou na do ultimo combate.

Nem se teme do tempo que mata, nem reparas tristes novidades que lhe elle traz dia por dia.

No fim de toda a sua lida, excursões e desastres em que tão experimentado foi, D. Quixote fica ainda creança.

Sempre creança!

Creança para a eternidade!

Recolhe trópego, moído e derreado, tem os lombos quebrados com pancadas, mas as azas da phantasia e da mocidade conserva-as sempre; não foi capaz ninguem de lh'as cortar.

Sancho Pança tem por elle o dô do riso. Não percebe que o outro em vez de pedir a este mundo commodidade e interesses, aspire a mil loucuras, á felicidade de que nem lhe é dado avistar a sombra; á gloria, flor de tentação, que só tem aroma pela noite adeante.

Sancho Pança ri-se de o ver sonhar delicias, considerar tudo bello, julgar todos bons, e até mesmo ao avistar das nuvens persuadir-se ainda de que ellas não estejam fazendo outra coisa senão baloiçar no ceu os extases com que elle sonhe!

Ainda se aquella celebreira lhe durasse um dia...

Uma hora...

Mas sempre...

Sempre!

Até chegar a noite grande!

Sancho Pança ri-se.

E mais elle não sabe, não sonha uma coisa; ainda riria mais se a soubesse...

E é que, da superioridade do heroe provem, deriva isso tudo; e que, comquanto em condições mais moderadas, ha sempre na superioridade o que quer que seja um pouco phantastico, um pouco extravagante.

É ver os poetas!

Escusamos de ir buscar exemplos a paizes estranhos. Por exemplo, não se dava alguma coisa d'isso em Garrett, não fazia elle das illusões, já no ultimo quartel da vida, a sua riqueza inexaurivel? Sabendo toda a gente que elle usava chinó, não corre o boato, falso talvez, e nem por isso menos caracteristico, de que ha pessoas que o ouviram dizer-lhes serenamente:

— Até outra vez. Deixe-me ir aqui a este Baron cortar o cabello!

Não pairava, não se esquecia elle mais que ninguem a devanear nas mais altas espheras da intelligencia?

Não se vê do catalogo dos autographos, que acompanha aquelle fragmento de romance inedito, aquella joia, o que ha mais formoso, mais elegante, e de mais doce aroma em prosa portugueza, a *Helena*; não se vê que de projectos tinha de ver realisadas composições, aquelle mais que todos raro e prodigioso talento; planos de drama, romances, comedias, poemas, *Romorackj*, *A excellente senhora*, *Das irmãs*, *Edipo em Colona*, *As trez cídras do amor*, e « cinquenta assumptos » escolhidos para odes!

creando por esta maneira um futuro irrealisavel, que poderia accordar a idéa aos tolos de que elle se esquecia da idade que tinha, mas em que a gente de bem não pode ver outra coisa, que não seja uma prova mais da inabalavel serenidade, que o habito das coisas da inteligencia dá a certos seres privilegiados, para os quaes pouco valem o espaço e o tempo, porque não vivem senão com as idéas. Houvesse Deus querido dar-lhe vida e tempo sufficiente para realisar todas essas brillantes imaginações que abororaram dentro da cabeça, e teríamos de ver que não pararia n'ellas o seu

genio, e que logo viriam sonhos novos juntar-se aos sonhos antigos e assim por deante até o fim dos tempos.

D. Quixote faz rir; mas é um rir especial. O Aristophanes ri, e as graças d'elle caem em cima das cabeças dos demagogos de Athenas como chuva de pedra batida pelo vento; ri Juvenal, e vão as suas satyras marcar na fronte os viciosos de Roma; Cervantes ri, e não só reforma a Hespanha, mas dá ao mundo o livro mais agradavel, mais philosophico, mais alegre, e da unica alegria que é doce, a que tem fundo de razão de melancolia.

D. Quixote, — e Sancho Pança!

Toda a gente, n'estes dois.

Para D. Quixote a sabedoria não é duvidar, é crer; para elle, estar em duvida é ir ás escravas; o seu genio é a sua força.

Vae levando bordoada, mas descansa sempre a cabeça na esperança, que é a grande almofada, que é a fortuna, o grande fim; o fim eterno, porque recua sempre e nunca é dado chegar-se-lhe.

Ao passo que Sancho Pança quer o descanso, a abundancia, o fazer as coisas com meios faceis, ter a delicia do tratamento no que fôr commodidade, não ver senão em si os seus proveitos, viver á regalona, e ser recompensado dobradamente

Todos nós na idade propria, e felizes os que aproveitam sôl-o n'essa idade, somos, mais ou menos, cavalleiros andantes. O que faziam elles, por fim de contas?

Creavam de si para si, uma amante ideal, e empenhavam-se em ir ao encontro d'ella.

Imaginavam-a de tanta formosura e perfeição, que mulher alguma por melhor, senão mesmo que fôra um anjo, teria as feições e o todo das esperanças que nutriam.

Namorados, perdidos de amores, iam aos tombos pela vida adeante, roçando de vez em quando os cotovellos pela felicidade sem darem por ella.

Attraidos aqui ou alli, mas sem reconhecerem o modelo da sua invenção, cavalgavam, e, de milha em milha, de légoa em légoa, percorriam o mundo e a vida sem acertarem com o que buscavam, recolhiam depois ao lar, para descansarem junto dos seus, sem haverem tirado da sua longa peregrinação senão amarguras, decepções, e feridas.

Não deveremos, por tudo isto, considerar que a historia de D. Quixote é em muitos pontos a historia de quasi todos nós, e que aquella ironia constante ao nada dos esforços humanos nos diz respeito?

Não vamos sempre correndo atraç de sonhos que se esvaem, e não temos de parar sem havermos encontrado o que queríamos...?

JULIO CESAR MACHADO.

PERDIDO, SEM ESPERANÇA

Esta gravura é copia do quadro de Ferdinand F. Gerlin de Dusseldorf, exposto no anno passado, na Academia Real de Londres.

O sentimento e o caracter da scena estão energica e finamente accentuados. O doutor está expondo á mãe e á mulher do doente, que não tem esperanças nem humas de o salvar. A expressão da dor na physionomia da mulher, está alli revelada com tanta verdade, que commove realmente. A pequenita, instinctivamente, agarra-se ás saias da mãe, como que para a defender

d'aquele mal vago e incomprehensivel para ella. Ao fundo entrevê-se alguem de joelhos á cabeceira do enfermo.

Com dificuldade se encontrará um quadro que satisfaça tanto ás diversas exigencias das *escolas*, ou para melhor dizer dos diversos pontos de vista.

Os *idealistas* ficarão satisfeitos com a expressão d'aquelle dôr incommensurável. Os que amam os quidros de costumes teem alli um completo. Os *realistas* não poderão exigir mais, como fidelidade, e os que gostam das *boas composições* não terão muito que criticar n'esta.

O ENTERRO D'UM CÃO

(*1º VOLUME DA COMÉDIA DO CAMPO*)
(A ANTONIO DE MACEDO)

I

O velho Coruja, o bom amigo dos mortos, tinha pelo seu pequeno cão, uma affeção pura e desinteressada.

O *Cousa* acompanhava-o em toda a parte, com uma fidelidade insistente: nos enterros apparecia cansado, reflexivo e de cabeça baixa; no palheiro, onde dormiam, deitava-se junto d'elle, corpo a corpo, como um companheiro familiar; na cosinha, onde o coveiro jantava, mostrava-se submissô, quieto, esperando que lhe dessem brôa e caldo.

O Coruja olhava-o com ternura, dava-lhe do seu comer, interrogava-o com naturalidade, affagava-o dizendo-lhe palavras boas, repassadas de carinho e de benevolencia. O Cousa, pequeno, magro, de pello faminto, com as barbas de guloso sempre sujas, ouvia-o attenciosamente, sem pestanejar, deitava-lhe a cabeça nos quartos, e ficava assim muito tempo.

O coveiro comprehendia estas finas delicadezas do seu companheiro fallava-lhe com polidez, com cuidado, escolhendo as palavras, estudando um timbre de voz meigo e delicado. As unicas desavenças que se davam entre o Cousa e o coveiro eram por causa das creanças pobres, que o cão perseguiu insistente, quando as encontrava juncto dos portaes ricos. O Coruja fingia, então uma voz aspera, severa e reprehensiva, ameaçando-o arrogantemente:

— Pedaço de bregeiro: Tenho-te dito muitas vezes que me deixes os rapazes. Fizeram-te algum mal? Dize lá: fizeram? Não entendas isto?

E com uma austeridade imponente ficava aggressivo deante do Cousa, que olhava fixamente, sem pestanejar, arremettendo de novo contra as creanças, perseguinto-as com maior raiva pelos caminhos.

Muitas vezes o coveiro pensára no motivo que o animal teria, para odiar com tão afincado acinte, as creanças pobres que via encostadas aos portaes ricos. Não o comprehendia; porque ignorava inteiramente a biographia do Cousa.

Encontrára-o, n'uma tarde de chuva, perto d'um ribeiro, onde no dia seguinte apareceu afogado, um pedinte. Como levava pão no bolso atirou-lhe um pedaço dizendo:

— Talvez tenhas fome... pega lá. Come.

O cão mastigou sofregamente, auxiliando a deglutição com movimentos rápidos e impulsivos de cabeça. O coveiro observando isto, disse sorrindo:

— Home, tinhas larica. Toma lá mais um naco.

E tirando mais brôa do bolso das calças deu-lh'a. O animal, comeu apressadamente, approxi-

mando-se com obediencia: arqueava a espinha dorsal arrastando a barriga na terra, tinha movimentos lateraes e cadenciados de cauda, levantava a cabeça para lhe cheirar a mão benfica, e ouviram-se-lhe latidos de agradecimento. O Coruja, olhou reflexivo para elle e passando-lhe a mão na cabeça disse.

— Diabo! sempre és muito feio, ladrão!

Depois atirou para o ombro a enxada d'abrir as covas e foi pelo caminho adeante para um enterro.

O cão ficou quieto, humilde, a olhar para o seu bemfeitor. O coveiro, vendo-o n'esta posição quasi supplicante gritou-lhe de longe:

— Tó Cousa.

O animal veio depressa, contente, feliz, dando pulos de alegria, movendo festivamente a cauda, lambendo as mãos do Coruja que o affagava, arrastando o ventre na terra e ficando com a cabeça firme a mostrar os dentes, a pisar os olhos....

Assim se tomaram por companheiros e amigos. O Cousa era o cão do pedinte que aparecera morto na levada do ribeiro. Tinha sido amestrado para ladrar ás creanças, para escorraçar os pequenos magros e sujos que encontrasse pedindo esmola. Os perseguidos fugiam assustados e chorosos, gritando muito, com os seus saquinhos vazios na mão, e ficavam, de longe, a ver quando o pobre e o cão se iriam embora. Se alguém casualmente via isto, o dono do cão, que fingia de aleijado, ralhava-lhe muito, para captar a benevolencia. Mas o animal educado para este fim, ladrava mais insistente, e tomava as admoestações como incitamento. Por isso, nunca o cão e o coveiro se poderiam entender, neste ponto, definitivamente.

Porém, viveram muitos annos em concordante familiaridade, dormindo promiscuamente nos mesmos palheiros e comendo da mesma ração. E como o Coruja, era um bebedo declarado, habituou o Cousa a beber conjunctamente com elle. O cão escorripichava sempre a tigella por onde o coveiro bebia, lambendo-a methodicamente. Então dizia-lhe o seu amigo com effusão piscando os olhos:

— Anda grandissimo borrachão, que pareces um padre.

E n'um dia em que disse esta phrase usual, deante d'um ecclesiastico, foi severamente reprehendido e ameaçado. O coveiro com desdem indignado respondeu:

— Olhe, talvez você não tenha tão bom coração como elle!...

E retirou-se cheio de justiça, tendo pugnado pelo seu amigo.

A's vezes, nos dias de muita chuva, o Coruja não podia sahir do palheiro onde dormira, com as dores da sua perna doente. O Cousa, previdente e sagaz, obedecendo á velha educação da vida de pedinte, ia pelas cosinhas e abocava desceremoniosamente a primeira comida que encontrava, para a depositar intacta, aos pés do seu companheiro. O coveiro reprehendia-o com brandra, sorrindo com os seus olhos vesgos:

— Ah! grande ladrão! Isso não se faz. Andar a roubar.... Cometu, anda, que eu não tenho fome.

E repartia o alimento, servindo-se irreflectivamente de qualquer bocado mais appetitoso.

II

Um dia, porém, o Cousa, aparecera morto na beira d'um caminho, n'um velho sulco das

rodas dos carros. Era no inverno, no coração de Janeiro, e no coração da província do Minho. Uma noite d'uma limpidez phantastica, com um luar claro, espalhava-se sussurrante nas profundezas dos valles cobertos d'uma herva miserável, mirrada pelo frio. Os montes altos, cobertos de geada, levantavam a sua estatura gigante, formando o horisonte. Amanhecera com um sol rutilante que produzia vivos reflexos nos brincos de gelo, pendentes dos braços nus das arvores, dos beiraes das telhas, e das vertentes das fontes. Os pequenos passaros, saltando nos galhos das oliveiras, pareciam mais volumosos com as pennas irriçadas. Os tórdos com os seus pios ingenuos e os melros com os seus assobios agudos e petulantes, denunciavam-se aos caçadores que os perseguiam, approximando-se encobertos com os troncos das arvores, com os muros e com os penedos.

A paisagem animára-se com o levantar do sol, animára-se a vida dos campos — iam os bois soltos para a pastagem, ou cangados puchavam aos toscos carros de duas rodas; as éguas lanzudas e famélicas relinchavam de encosta para encosta; os rapazes, as mulheres e os homens trabalhavam cantando para não sentirem o frio. Passavam nos caminhos alguns pedintes com as capas remendadas e com o seu ar alegre e folgazão — iam conversando animadamente em accidentes da sua vida vagabunda, caminhando n'um passo largo, batendo nos cães vadios com os seus páus. Foram elles os primeiros, que encontraram o Cousa morto na estrada. Fizeram uma paragem ao pé do morto despresivel, dizendo com chacota:

— Coitado. Já não comes mais brôa.

E riram-se conjuntamente d'este acontecimento insignificante.

Porém o cão não estava ali esquecido — o Coruja tinha-o procurado durante a noite. Andou n'isso muitas horas, apprehensivo, triste, repassado de maus prenuncios, chamando-o alto nas encruzilhadas, assobiando de cima dos muros dos caminhos. E, como viu que o Cousa não apparecia, disse com a testa avincada e com uma expressão de quem suspeitava um crime:

— Que diabo! por ahí algum maroto...

Suspendeu bruscamente a phrase, concludo-a depois, gesticulando com o punho cerrado.

— Pois se sei quem foi que o matou, abro-lhe a cabeça com o olho da enxada. Ainda trezentos diabo me levem p'ras profundas dos infernos!

E foi para o seu palheiro, tiritando de frio, dando suspiros e com as lagrimas nos olhos. Teve afflições, não podia dormir, dava voltas na cama.

Porém, logo de manhã, encontrou umas creanças que iam para a escola da freguezia vizinha e que lhe disseram expontaneamente:

— Olhe, tio Coruja, o seu Cousa, está ali morto, no caminho.

Morto! — pronunciou o coveiro com aspecto rijo, intiero, e com voz commovida.

— Sim senhor, ali em baixo, ao pé da cancella — certificaram com a intimativa ingénua das suas vozes finas.

O coveiro foi-o ver. No andar tinha os movimentos rápidos e incongruentes d'um côxo desvairado. No seu rosto havia a expressão amarga e deprimente d'uma intensa dôr, sentida com verdade. Notavam-se-lhe tambem, uns olhares impetuosos, lampejantes e vingativos; porque a





A MÃE ADOPTIVA

QUADRO DE L. VERDYEN

sua ideia predominante era que lhe tinham matado o Cousa.

Chegou ao pé da cancella. O pequeno gózo estava deitado, immovel, composto como se estivera a dormir. Tinha cahido casualmente, no sulco dos carros, onde o seu pequeno corpo cabia. Com o pélo faminto, irriado pela geada parecia o mesmo que nas manhãs de frio costumava correr, doido e despreocupado, adiante do Coruja para os enterros. A rigidez cadaverica, apoderando-se do seu corpo, com a fatalidade d'um acontecimento necessario, conservava-o n'uma posição fixa. O coveiro ajoelhou na attiude piedosa d'um crente. Tocou-o, quasi instinctivamente, com a mão, para ter a indubitavel certeza da morte do seu unico amigo. Fez isto com a profunda veneração d'uma alma rude; mas n'este contacto do corpo d'um cão morto, sentio um longo calefrio de terror—elle que tantas vezes experimentara, com insensibilidade, o frio marmoreo dos cadaveres, que lavava e vestia para o entero!

Porém, levantando-se hirto, subjugado e com as lagrimas nos olhos disse resignadamente.

— Foi o diabo do frio.....

Pouco depois, respondendo a uma pergunta, que fizera a si mesmo mentalmente, acrescentou:

— Fome! talvez fosse fome. Hontem não comeu nada!....

Passados momentos ainda considerou:

— Pois elle, com este frio de mil demonios... a gente sempre anda agasalhada; mas elle, coitado, nem uma vestia, nem uns sócos.

Afinal, tendo estado muito tempo sentado n'uma pedra a contemplar o corpo inanimado do Cousa levantou-se com um impulso generoso, dizendo:

— Pois tu não és menos que os mais. Também has de ter o teu entero com officio.

E foi d'ali á igreja, buscar a sua enxada de coveiro, que tinha escondida por detraz do altar mór.

Na sachristia, revestia-se, para dizer missa o padre José Pitança. Ao sentir pela igreja acima as pancadas sonoras e d'uma intensidade desigual, d'uns sócos, sobre o pavimento da igreja, disse ligeiramente, para o ajudante:

— E o Coruja. Já vem por ahi com alguma carraspana.

Quando o coveiro sahia, atravessando a sachristia de enxada ao hombro, o ecclesiastico, com as mãos sobre o rins, atando as fitas do amictio, perguntou-lhe em voz alta:

— Quem morreu o Coruja?

— O meu cão — respondeu com brevidade.

O sacerdote teve uma gargalhada bulhenta de caçador. O coveiro offendido respondeu-lhe com orgulho:

— Olhe que era tanto como você.

E saio bruscamente, coxeando.

O Coruja, para realizar a ideia generosa de fazer um entero excepcional ao seu cão, foi buscar uma tabua comprida, sobre a qual o estendeu, alinhando-o cuidadosamente, para ficar bem composto, n'uma posição sensata e decente. Subio a uma oliveira, cortou uns ramos para o cobrir, para o enfeitar dizendo n'uma voz soeada «esta é a tua mortalha». Depois, a troco d'uma promessa de pequena recompensa, convidou quatro rapazes, que andavam n'um monte, á garavalha, *para pegarem no caixão*.

Sobre dois fuciros, que tirou d'um carro que estava no caminho, collocou a tabua funeralia.

A cada extremidade do fuciro pegou um dos rapazes convidados. Com uma voz rouca e falhada disse o Coruja n'um tom faceto d'uma alegria mentirosa:

— Toca a andar rapasiada. Levae este nosso irmão.

As creanças obedeceram. O sahimento foi pelo caminho adiante, para um alto pincaro, onde o Coruja determinou abrir a sepultura do seu velho amigo. Atraz do feretro ia elle, com a enxada no hombro, a cabeça descoberta, um aspecto de contentamento simulado e cantando:

Béu, béu, béu
Vae pr' o ceu
Engola, engola
Vae pr'a cova.

As creanças communicando-se d'aquelle alegria travessa e nervosa, acompanharam-no cantando com elle. Riam-se muito, fingindo attitudes d'homens, endireitando o tronco, querendo acertar o passo. Porém, como não sabiam coordenar bem os movimentos iam deixando cahir o corpo no chão. O Coruja teve um grito instinctivo e dilacerante. Os rapazes pararam rapidamente, ficando quietos e silenciosos. Continuaram depois o seu caminho, n'um silencio meditado.

Quando subiam a encosta do monte, o coveiro cahiu n'uma tristeza natural, caminhando devagar, com o corpo inclinado para diante, absorvido na idéa da sua perda. Chegando ao cimo, parou juncto d'uma aglomeração de penedos, dando á cabeça um movimento impulsivo e retomando o seu tom comic para dizer com o chapeo levantado ao ar:

— Alto ahi rapasiada!

Os pequenos pararam, pousando no chão o feretro.

O coveiro principiou a abrir a sepultura. O som baço e profundo de enxada batendo cadente na terra, dilatava-se reproduzindo-se nos angulos da montanha.

No cumprimento do seu triste officio, o Coruja tinha nesta occasião um aspecto maguado. Todo curvado para a terra, com uma expressão facial de rigida tristeza, abrindo a cova ao seu amigo, impunha-se austero, digno, respeitavel.

As creanças graves, silenciosas, olhando absorvidas para o Coruja, obedecendo a um sentimento que não saberiam explicar, tomaram parte no sentimento do coveiro acabando a dor d'este quadro triste.

Em frente das montanhas imponentes e do amplo horizonte, a respiração era facil, regular, socegada. O Coruja, para acabar o seu trabalho desceu ao fundo da sepultura e principiou a cavar esmeradamente dos lados, para que o corpo ficasse cuidadosamente agitado. Por fim disse n'uma voz natural, para os seus companheiros:

— Chegai-me para cá esse caixão.

E tirando cuidadosamente os ramos de cima do corpo, sopezou a tabua, para a collocar no fundo com o esmero e com o amor, com que se coloca uma criança morta. Um dos assistentes fez esta reflexão com naturalidade:

— Parece como os anjinhos.

O Coruja sahindo para fóra disse:

— Vamos lá aos officios.

E acompanhado pelos rapazes cantou repetidas vezes:

Béu, béu, béu
Vae pr' o ceu
Engola, engola
Vae pr'a cova.

E andava em volta da sepultura, com um ramo d'oliveira na mão fingindo que a aspergia.

Cobrio de terra o defunto. Espetou sobre a cova ramos d'oliveira e retirou-se. Os rapazes iam adiante d'elle, contentes e felizes, atirando pedras que rolam pelo monte abajo. Um d'elles vendo lagrimas nos olhos do coveiro perguntou:

— Porque é que elle chora?

Ao que outro respondeu intelligentemente:

— Ora.... era amigo do Cousa.

Ainda viram, algumas vezes, o Coruja subir nos penedos sobranceiros á sepultura, olhando para o largo horizonte, cantarolando sempre. E quando o barbeiro Zé Maximo, com o seu ar importante de banalidade lhe disse indiscretamente: «Ó Coruja, tu dis que fizestes um grande entero ao teu Cousa», elle respondeu-lhe com azedume:

— É verdade, meu pedaço d'asno, merecia o melhor que tu.

BENTO MORENO.

A MÃE ADOPTIVA

Appresentamos este gracioso quadro, cujo assumpto é tão insignificante, apenas por causa da gravura que vae assignada por um dos melhores mestres da arte. E o mesmo que gravou os dois retratos de Rubens e sua mulher, e que especialmente como retratista ainda não teve quem o excedesse. O nome de Roberts é quasi sempre uma garantia de que a gravura foi executada com esmero e superior habilidade.

O DOBRE DOS TUBARÕES

O tubarão, esse temivel habitante dos mares tropicaes, encontra-se por toda a parte no mar alto; ainda que é mais facil encontrar-o nas bahias em que o peixe é abundante, pois ahí a sua voracidade acha meio de se satisfazer continuamente. Todavia se se vê obrigado a contentar-se habitualmente com peixe, nem por isso deixa de ser avido de carne d'animaes.

Este terrivel esqualo, assombro do navegante, é dotado d'un olfacto subtilissimo, o qual lhe denuncia a grandes distancias a preza sobre a qual se arremeça com a rapidez que lhe comunicam as vigorosas barbatanas. E assim que, quando o tempo está bom, vêem-se correr atraz dos navios e seguir-lhe o sulco, para devorarem os restos que se deitam ao mar.

Tudo serve á sua voracidade. O minimo sobejo caido de bordo é imediatamente tragado, por pouca fragancia que tenha: ossos esbulhados, carnes pôdras, caixas de conservas vazias, tudo se abisma n'aquelle ávida guéla, cujos queixos formidaveis ornados de trez ordens de dentes, podem á vontade do animal cerrar-se ou abrir-se, conforme precisa de despedaçar a preza, ou engulil-a d'uma vez.

Tem-se achado no estomago do tubarão caixas de conserva, sapatos velhos, rólos d'estopa tendo servido para limpar as caldeiras, misturados com peixes de pouco volume, engulidos d'um trago sem estarem decompostos ainda pelos succos gastricos. O conjunto disparatado,

que acabo de citar, vi-o eu, com os meus olhos, no apparelho digestivo d'um tubarão que acaava de ser pescado. Entre os peixes, havia um bello linguaado, cuja pelle estava intacta, e que foi, sem a menor repugnancia, arranjado e comido pelos marinheiros.

Quando o tubarão anda á cata d'uma preza, nada sem ruido, quasi á superficie; apenas a ponta da barbatana dorsal o denuncia ao olho exercitado do marinheiro, que a entrevê por momentos ao lume d'agua.

Então ouve-se un grito a bordo que põe tudo em alvoroço: — « Um tubarão! — e todos se precipitam em busca dos engenhos de captura.

Geralmente servem-se d'uma fateixa com os dentes do tamanho dos que empregam os carneiros para dependurarem a carne. Na extremidade da haste da fateixa ha uma argola que a deixa girar em todos os sentidos, e a ella está presa uma cadeia de ferro, de trez palmos, e atada a esta uma corda forte.

Põem um pedaço de toicinho n'um dos dentes da fateixa, e deitam-na ao mar, deixando correr a corda com mais ou menos rapidez, segundo é preciso. A maior parte das vezes, o tubarão precipita-se sobre a isca e engole-a vorazmente. Outras vezes, ou porque tenha menos fome, ou porque a experiença o tenha tornado mais prudente, o esqualo nada um instante á roda da preza que se lhe offerece, e empurra-a com o focinho dando uma meia volta ao corpo, mas sem fazer essa evolução completa sobre si mesmo que é obrigado a fazer para engulir, em virtude da disposição particular da guéla, collocada, como se sabe, não na extremidade do focinho, mas a alguns centimetros abaixo. Então o pescador dá um pequeno puchão á corda. Raras vezes acontece que a voracidade do animal não seja superior á sua prudencia. Com medo que lhe escape a preza, precipita-se: com um movimento da poderosa cauda, lança-se, volta-se ao mesmo tempo e engole a isca e o anzol. Immediatamente pucham a corda com força, e a fateixa penetra profundamente no queixo do esqualo.

Se o golpe falha, o tubarão engodado não renuncia á preza por causa d'uma leve picada; excita-se, pelo contrario, precipita-se de novo, e d'essa vez fica completamente preso.

Todos gritam de alegria, mas o inimigo ainda não está capturado, pois o caso não está só em agarrar o tubarão, o que é mais difícil é trazê-lo a bordo. Assim, de toda a parte, aos primeiros movimentos de alegria succedem-se as recomendações. « Devagar! cuidado! é preciso *affogar-o!*... »

Efectivamente, é preciso empregar mil ardides e precauções, pois não raro sucede ver-se um tubarão, içado precipitadamente, quebrar a cadeia da fateixa, com os movimentos arrebatados que faz para se defender. É necessário, segundo o caso, e alternativamente, içar ou deixar correr a corda, *sustendo*, como dizem os marujos, para *affogar* o animal, que por esta forma é realmente affogado.

Passados alguns minutos de luta, o pescador conhece que a resistencia cessa, e então iça a bordo; o tubarão está asphyxiado, mas ainda não está morto. Não ha animal que lhe custe tanto a morrer como o esqualo.

Desde que o animal tem a cabeça fóra d'agua, e está suspenso de encontro ao navio, parece voltar á vida e renova uma furiosa resistencia: deixam-no, então, cair outra vez ao mar, mas

sem o mergulharem de todo, de modo que lhe fique o focinho fóra d'agua, para que a asphyxia seja completa; depois içam-no outra vez, tornam-no a mergulhar, e, enquanto duram estes movimentos alternados, que tem por fim exaurir-lhe a vida, um marinheiro faz diligencia por enfiar um nó corredio no rabo do esqualo.

Amarram as cordas, conservando-o sempre seguro; ainda assim atfastam-se todos, por prudencia, pois a agonia pôde ser longa e perigosa para os que inconsideradamente se chegassem ao pé. Então, acabam-lhe a vida a golpes de anspeque, especie de alavancas de freixo que servem para as manobras dos cabestrantes.

Afinal, está morto o inimigo! e cada qual olha para elle...

— Não és tu que tornas a comer mais chris-tãos! dizem-lhe os marinheiros em ar de exprebração funebre.

Depois abrem-lhe o ventre. É curioso ver o que tem dentro. Se se achasse algum braço ou alguma perna! dizem d'ali alguns.

Não seria coisa para admirar; já se tem visto isso.

Este nome de tubarão produzia em mim, ao ouvil-o pronunciar, um sentimento de tristeza indefinivel, e a vista da ponta da barbatana que sobrenadava revelando a presençia do esqualo, trazia-me á imaginação o espectaculo daquellas mortes horriveis que ameaçam o marinheiro; mas nunca pudera imaginar uma scena que com mais horror me commovesse, e cuja acção correspondesse melhor ao nome funebre do tubarão do que aquella que presenciei naquelle dia nas ilhas da Salvação.

É sabido que estas ilhas, postadas como sentinelas avançadas na costa da Guyana, a algumas leguas de distancia de Cayenna, servem de deposito principal aos degradados. É para ali que vão primeiro os condemnados que chegam de França; é tambem o centro dos estabelecimentos penitenciarios da costa fronteira, situados a algumas milhas de distancia do rio de Kourou.

Esta costa, que corre ao longo das ilhas, tem muito peixe; sendo tambem muito frequentada pelos tubarões. Na bahia das ilhas da Salvação, não ha exemplo de homem que caisse ao mar e não fosse aferrado por estes infatigaveis animaes. Tem-se visto até alguns precipitar-se sobre a mão de algum passageiro imprudente, que por descuido a deixa mergulhar na agua á borda dos botes.

Varias causas attrahem o tubarão para as ilhas da Salvação. A primeira é a presençia dos navios cujos detritos de toda a especie são prezadas, que segundo parece variam agradavelmente o sustento destes vorazes, de paladar estragado, sem duvida, pela carne de peixe que nunca lhes falta; depois tambem os miudos de bois e outros animaes de talho, que se não utilizam nestes paizes como na Europa, e que se deitam ao mar.

Emfim, ha um outro motivo de attracção, mais forte ainda sem duvida, é o tributo de cadaveres dos degradados.

Nas ilhas da Salvação, com efeito, não se enterram os degradados por falta de espaço. Quando um degradado morre, o corpo, depois de ter servido para estudo dos medicos empregados na penitenciaria, é lançado ao mar, a alguma distancia da ilha.

Procede-se assim: levam primeiro o corpo

á igreja, depois ao caes, onde uma embarcação tripulada por doze forçados o recebe para o transportar ao largo, a um sitio marcado por uma balisa que lhe fica em frente. Chegando ahi, abre-se o caixão cuja tampa não é fixa e deitam-no ao mar.

Então passa-se uma scena horrivel que presenciei uma vez, com bastante espanto.

Eram quatro horas da tarde, o calor começava a diminuir e a brisa da tarde succedendo a uma calmaria abafadiça soprava da terra, frizando a superficie das aguas, agitada somente na sua massa profunda por alguma vaga que vinha do mar alto.

Passeava sobre o convez de um pequeno aviso a vapor da estação local, seguindo com um olhar distraido, sobre o caes da maior das ilhas da Salvação, o movimento occasionado por uma embarcação que estavam deitando ao mar. No mesmo instante ouvio-se retenir o som lugubre do sino da capella.

— Ah, lá principia o dobre dos tubarões — exclamou por detraz de mim o homem do leme — os tais amigos não tardam ahi.

— A que chama o dobre dos tubarões, perguntei eu?

— Como, pois não sabe? É assim que se chama nas ilhas da Salvação o dobre do serviço funebre dos degradados, porque os tubarões conhecem perfeitamente este repique que é para elles como uma chamada a que accodem de todos os lados, avisando-os que vão ter um cadaver.

— Ah sim, o cadaver do degradado, mas eu julgava que lhe punham uma bala aos pés?

— Não é isso que dá cuidado aos tubarões; rodeiam a embarcação logo que se levantam os remos e abocam o corpo sem lhe dar tempo de ir para o fundo. Mas se o snr, que viaja para ver coisas curiosas nunca viu isto, é preciso ir até lá. Quer que aprompte o bote? Podemos seguir o barco dos degradados.

Accedi ás instancias do marinheiro: o barco mortuario afastára-se do caes e passava a uma pequena distancia por detraz da nossa embarcação, dirigindo-se lentamente para o largo. O caixão estava na camara do barco, coberto com um panno preto e uma cruz branca. Os forçados remavam silenciosos.

O nosso bote seguiu o barco.

— Não vê, disse o homem do leme, passados alguns minutos, não vê lá adiante? parecem pequenos cachopos....

Via, com efeito, uma especie de redemoinho á superficie da agua.

— São os tubarões que estão impacientes; mas elles bem sabem que nos vamos approximando, não tenha duvida!

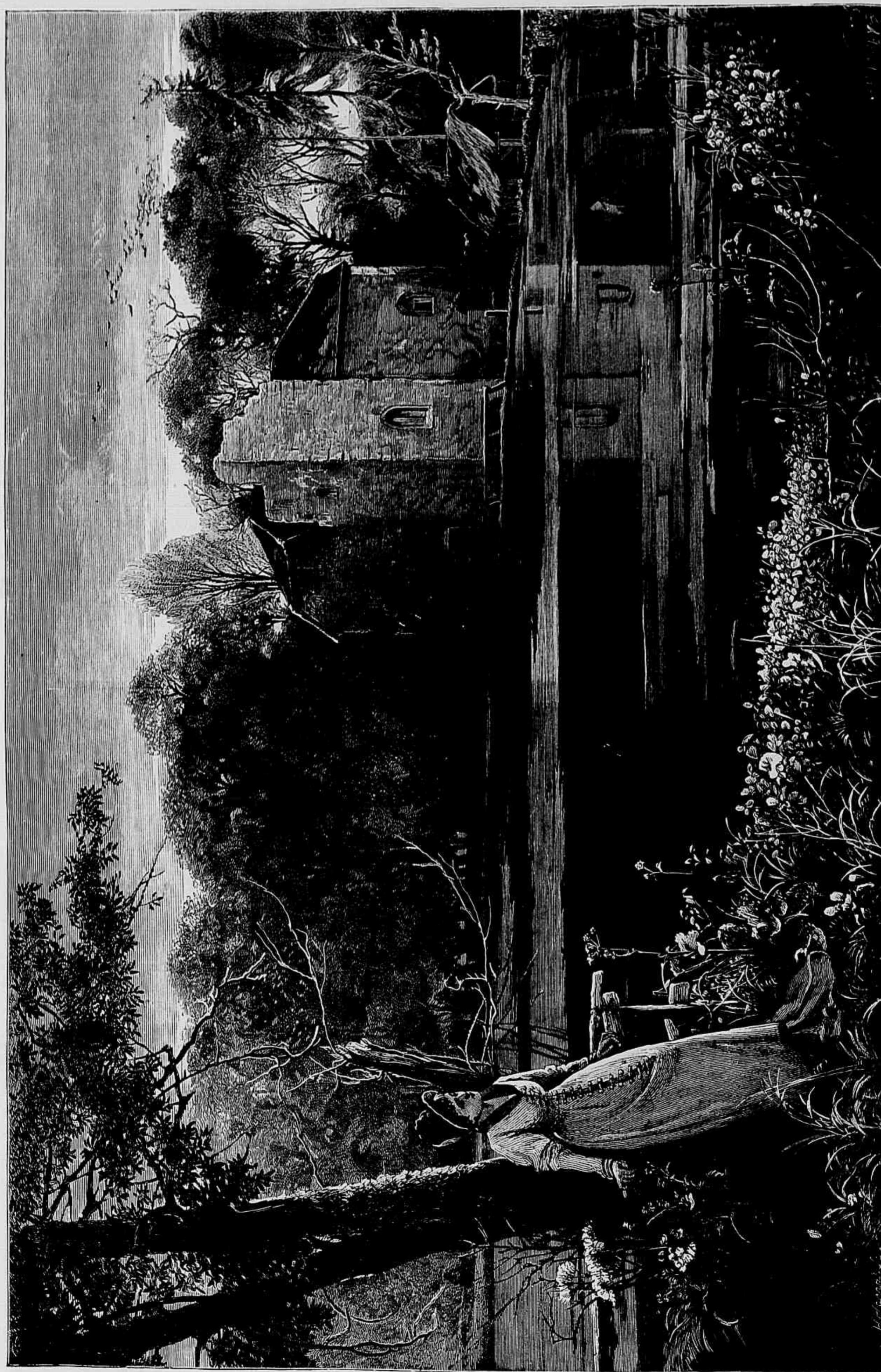
Approximavamos-nos cada vez mais.

— O barco chegou á balisa, replicou o homem do leme, os degradados lá levantam os remos. Vá lá, disse elle á sua gente, mais uma remada para apanharmos o barco; alto! leva de remar, estamos chegados. Olhe lá, é agora.

Levantei-me para ver melhor, tal era o deseo que tinha de ver o espectaculo que se preparava. No barco, os degradados tinham descolerto o caixão, e collocado a tampa sobre a borda da embarcação, afim de formar um plano inclinado.

— Cuidado com os remos! gritou de repente, um dos guardas. Deitar ao mar! e avante.

A estas palavras, o cadaver caia na agua, em



ESPERANDO EM VÃO. — QUADRO DE EDWARD H. FAHEY



AGUAS SERENAS — QUADRO DE EDWARD H. FAHEY

quanto o barco se afastava sob o impulso dos remos que ciavam obrigando-o a dar a volta.

O vulto branco do corpo, envolto no panno, apenas tocára na agua, quando foi levantado e arremessado, e tornando a cair foi empurrado e arrebatado em todos os sentidos; a mortalha foi feita em pedaços e ao redor do cadáver produziu-se um redemoinho, um estrondo d'agua que espaldanava sob as dentadas dos monstros que disputavam entre si a preza. Depois, o círculo da luta alargou-se, os restos dispersaram-se, o ruido da agua diminuiu, e a carniça continuou debaixo d'agua, em quanto que à superfície nem vestígios havia.

Fiquei petrificado: e com o olhar fixo sobre o abismo que se tornara a fechar.

— E está acabado — disse-me o contramestre — não acha curioso?

— Horrível sobretudo! Mas a administração não podia dar uma outra sepultura aos degradados?

— Não é possível, o solo das ilhas da Salvação é pedregoso, ha muito poucos lugares em que a camada de terra seja bastante profunda para que se possa enterrar n'elles, e os que ha são reservados para as pessoas livres.

— Isso é verdade; mas é infligir um mui horrível espetáculo a esses infelizes que veem assim trazer o cadáver do companheiro para pasto dos tubarões.

— Isso não lhes dá cuidado; aquelles patudos inquietam-se pouco com isso; alem disso estão afetos ás comodidades. Olhe, havia hoje mesmo no barco de serviço um degradado a quem sucedeu uma aventura curiosa n'um dos caixões que servem para a cerimónia que acaba de ver. Quer que lh'a conte?

— Com certeza, quero.

— É a tentativa de evasão de mais audacia que se tem feito nas ilhas da Salvação, e com tudo ha ás vezes algumas bastante atrevidas quando a febre da liberdade se apodera dos degradados.

O homem de que lhe fallo era empregado no serviço dos cirurgiões; estava encarregado do amphitheatro de dissecação; competia-lhe pôr o cadáver no caixão, acabado o trabalho dos medicos.

Um dia, imaginou que da tumba de serviço, que é muito larga e solida, poderia fazer um barco para se evadir. A idéa, uma vez concebida, fructificou, e resolveu finalmente pôr-a em execução. Fez uma pequena vela, arranjou no fundo do caixão um entalhe em que fixou o pequeno mastro e enfim calafetou com cuidado o seu barco improvisado. Depois n'uma noite bem escura, propicia ás evasões, carregou com o caixão e desceu, sem se inquietar muito, a costa rapida e pouco vigiada que domina o amphitheatro.

Chegando á beira mar, embarcou com precaução no seu lugubre esquife onde foi obrigado a estender-se ao comprido, appoando o alto do corpo a um sacco de areia. Com o pau que devia servir-lhe de mastro, quando lhe fôsse necessário, impellio o esquife e partiu assim, na direcção da Guyana holländesa, para a qual, como o snr. sabe, se estende com a velocidade de duas milhas por hora a corrente que passa pelas ilhas da Salvação.

A noite estava escura e o mar bastante socgado; tudo andou bem durante algum tempo, mas de repente o pobre diabo do fugitivo sen-

tio-se medonhamente perturbado nos seus sonhos de liberdade. O barco era abalado a estibordo e a bombordo por choques repetidos... Horror! eram tubarões que sentiam uma preza! Não tratarei de lhe descrever os transes e angustias do degradado. Apezar de tudo isto, o desejo da liberdade susteve-lhe a coragem; não perdeu a cabeça, e teve bastante sangue-frio e energia para afastar os seus agressores, batendo, conforme podia, com o pau para a direita e para a esquerda.

* A noite passou-se nesta luta. Imagine que noite! Os tubarões assustados por um momento, tornavam a entrar em ação, ameaçando virar o fragil batel. Emfim, rompeu o dia; mas coitado! a luz trazia ao infeliz uma outra desgraça, a volta para a prisão: um barco que corria sobre elle.

Felizmente, havia calma. Para não ir a pique, o fugitivo, preferindo ainda a vida com a escravidão, gritou com toda a força dos seus pulmões; o navio avistou-o e recolheu-o. O infeliz voltou pois ás ilhas da Salvação, onde a sua audacia recebeu por recompensa, cincuenta varadas como é costume em qualquer evasão.

Tal foi a narração do homem do leme. Transcrevi-a quasi textualmente ao chegar a bordo do aviso, segundo as minhas impressões de viajante.

DUATYEFF.

AGUAS SERENAS. — ESPERANDO EM VÃO

É quasi sol posto. Elle deante d'aquelle esplendido scenario, jura-lhe que « assim como as correntes silenciosas são profundas, assim o amor verdadeiro nunca acaba ». Ella, extatica, fitando aquellas aguas tão serenas, acredita-o.

No segundo quadro, ella espera-o em vão. Nunca mais voltou. Espera sem esperança. Se o artista que pintou aquelles quadros soube exprimir na tela do primeiro a imensa beleza da hora, do sitio, da transparencia do ar e da luz, no segundo não foi inferior, por quanto seria difícil imaginar-se uma disposição mais capaz de traduzir o sentimento que alli domina. O ceu nublado, o velho solar ameçando ruinas, a attitude saudosa da jovem, tudo manifesta tristeza.

O carácter predominante d'estes dois quadros é a *distinção*. Não se pôde sinceramente afirmar que a duas paizagens sejam rigorosamente bellas, mas sim que fôram escolhidas com finissimo tacto artístico, para servirem de ornamento áquelle singellissimo idyllio.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

A Instrução Primaria no Municipio de Lisboa pelo Dr. LUIZ JARDIM

O author deste livro exerceu o cargo de vereador da cidade de Lisboa nos ultimos seis meses do anno findo; e sendo-lhe confiado o pelouro da instrução publica, aproveitou bem o tempo em estudar o assunto, como se vê pelo seu trabalho. O sr. Luiz Jardim, espirito tão sympathico quanto ilustrado, é dos que comprehendem que o futuro do povo se contem na semente preciosa da instrução, e que a base da regeneração moral de um paiz reside no desenvolvimento intellectual dos seus filhos. A primeira parte deste excellente trabalho é um luminoso relatorio ácerca da instrução primaria comparando a organisação deste serviço publico nos paizes mais civilizados, e mostrando o nosso lamentavel atraso. Seguem-se os considerandos sobre a necessidade de reformar a instrução a cargo do municipio, apresentando-se as propostas que o Sr. Jardim julga mais convenientes para attingir

este sim, e os orçamentos relativos á nova organisação. Se o municipio de Lisboa escolhesse sempre para seus representantes homens tão ilustrados, e de uma tão seria dedicação pelos seus progressos moraes e economicos, a nossa primeira cidade estaria hoje a par das mais civilizadas e bem administradas. Infelizmente nisto, como em muitos outros assumtos a indifferença publica consagra a rotina, e as praxes mais viciosas e erradas, com prejuizo das classes mais desfavorecidas.

Oração funebre pronunciada nas exequias de Alexandre Herculano na igreja da Lapa da cidade do Porto, por ANTONIO CANDIDO RIBEIRO da COSTA.

O eloquente discurso que os portuenses ouviram por esta occasião foi já impresso, e encontra-se em todas as livrarias. Todos os escriptores portugueses, poetas e prosadores, consagraram um pagina de saudade á memoria do illustre historiador. Bom era que um orador inspirado fizesse na tribuna sagrada a consagração religiosa dessa memoria. Antonio Cândido, devemos dizer-l-o, possue menos as qualidades do orador sagrado como as exige o catholicismo romano do que a eloquencia lyrica, e os vêos philosophicos do tribuno que falla a uma democracia culta.

Uma grande erudição, um conhecimento largo das idéas philosophicas e das doutrinas do nosso tempo, um sentimento verdadeiro da significação dessas idéias, dão á palavra fluente, agradável, e muitas vezes colorida e brillante do jovem orador uma força de autoridade, e uma influencia de persuasão com que elle se apossa do animo do auditorio. O assumpto do seu discurso adaptava-se de molde a estas qualidades predominantes, e por isso na oratoria portuguesa, aquellas paginas serão sempre lidas com grande apreço, como foram applaudidas pelos habitantes do Porto, quando o orador sahio do templo.

JOÃO TEDESCHI.

VARIEDADES

A população de S. Francisco tem augmentado desde 1845 com uma prodigiosa rapidez. Em 1845 contava apenas cem habitantes. Em 1860, segundo o recenseamento havia 150,000. No primeiro de março de 1872 179,276; passados quatro annos, attingia o numero de 302,020, isto é augmentura de 122,744, ou de 30,686 por anno. Actualmente, a população de S. Francisco não é inferior a 330,000 almas.

Quando as obras em construcção e os bairros projectados estiverem concluidos, é muito provavel que a população chegue a 500,000.

* *

Calino passou pelo degosto da morte da mulher. Mandou gravar-lhe sobre a sepultura a palavra: saudades.

— Porque não hei de pôr, disse-lhe o canteiro, saudades eternas?

— Nada, não posso, respondeu Calino, a concessão no cemiterio é só por cinco annos.

* *

Na vespera do casamento Eduardo vai-se confessar ao cura da freguezia.

Acabada a confissão:

Desculpe, mas parece-me que se esqueceu de me impôr uma penitencia...

— Pois não me disse que se ia casar?

— E' verdade, é.

— Então que mais quer?...

Proprietário-Gerant : SALOMON SARAGGA.

PARIS. — Impr. J. CLAYE. — A. QUANTIN et C°, rue St-Benoit. [492]

Papier de la maison Firmin-Didot et C°.

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recommendedos.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CREME de FRAISES para amaciar a pele.—Pós de CYPRISS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRATE e Agua de CHYPRE para o toucador.

PAPEL RIGOLLOT

ou
MOSTARDA EM FOLHAS PARA
SINAPISMO

Medalha de Prata
Hayre, 1868

MEDALHA DE OURO

Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA
Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875
Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas Ambulancias e hospitais militares, Pela marinha nacional francesa a pela marinha real Inglesa, etc., etc.

“ Conservar á mostarda todas as suas propriedades obter em poucos instantes com a menor quantidade de medicamento possível um efeito decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz resultado. ” (A.) Bouchardat, *Anuario de Therapeutica*, 1868.

AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos fregueses que se acautelam contra o papel que se lhes apresenta como podendo substituir o papel Rigolot para sinapismos. O nosso papel é o único adoptado pelos hospitais civis, e militares, a bordo dos navios do Estado. E alem disto o único premiado nas exposições universaes tendo obtido varias medalhas de prata e uma de ouro e recentemente um diploma honorifico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver a firma de Rigolot deve ser recusado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarelo, que traz a firma do inventor.

Exija-se esta firma. — F. Rigolot.

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24. Paris.

Depositos: No Rio de Janeiro, Duponchelle, em Pernambuco, Maurese e Cia.

GRANDE HOTEL

DO

BRAZIL E PORTUGAL

RUE DE MONTHOLON, 30

PROPRIETARIO, L. LA PIERRE
PARIS

Este hotel situado no centro da Cidade, proximo dos Caminhos de ferro e na vizinhança do Square Montholon acaba de ser novamente mobilado e organizado pelo seu novo proprietario que falla Portuguez e Hespanhol.

Accomodações independentes para familias e quartos separados a preços modicos por dia ou por mez.

Comida por lista ou á meza redonda.

Completo sortimento de Vinhos, Franceses Portuguezes e Hespanhoses.

CATAPLASMA LELIÈVRE

INSTANTANEA

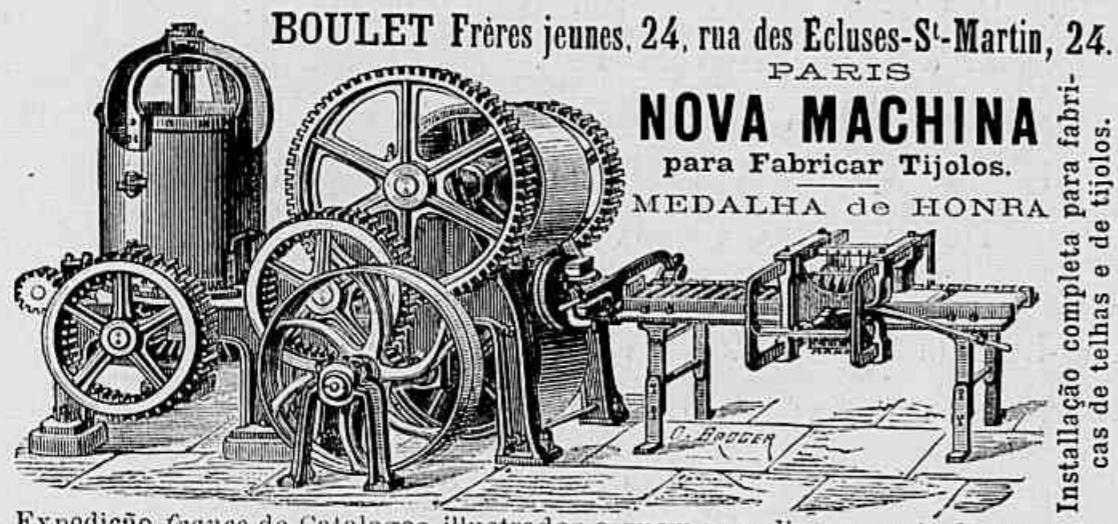
APPROVADA PELA ACADEMIA DE MEDICINA

Adoptada pelo Ministerio da Guerra, pelas Ambulancias e Hospitais e pelo Ministerio da Marinha para o serviço da armada. PRIVILEGIADO S. G. D. G.

Mais emoliente do que a Cataplasma de linhaça, de mais commodo emprego, não exigindo pannos nem compressas.

VENDA POR ATACADO:

24, Avenue Victoria, 24, Paris. — A retalho: em todas as Pharmacias.



Expedição franco de Catalogos ilustrados a quem os pedir por carta franqueada.

NOVA MACHINA

para Fabricar Tijolos.

MEDALHA de HONRA

Instalação completa para fabricas de telhas e de tijolos.

Instalação completa para fabricas de telhas e de tijolos.

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recommendedos.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CREME de FRAISES para amaciar a pele.—Pós de CYPRISS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRATE e Agua de CHYPRE para o toucador.

ANTI-GOTTOSO BOUBÉE

XAROPE DEPURATIVO VEGETAL

Apresentado a Academia de Medicina de Paris e privilegiado em 1840. Recomendado ha mais de meio seculo pelos mais celebres Doutores de Paris, como um especifico infatigavel contra:

GOTTA E RHEUMATISMOS

alivia instantaneamente as dôres e cura radicalmente.
EXIGIR AS NOVAS GARRAFAS COM AS MEDALHAS NO ROTULO
DEPOSITO GERAL: Paris, 4, rue de l'Échiquier.

VELOUTINE Pó de Toucador

IMPALPAVEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pele a frescura e o avelludado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.
4 — — — — sem borla.

A venda nas principaes lojas de perfumarias.



MEDALHA DE PRATA

Exposição Internacional de Paris 1875.

TRATAMENTO CURATIVO

da PHTISICA PULMONAR



Em todos os grãos e em geral de todas as doenças do Peito e da Garganta

POR MEIO DO

SILPHIUM CYRENAICUM

Experimentado pelo Dr. Laval e adoptado nos Hospitais de Paris e das principaes cidades de França.

Importado e Preparado

POR DERODE & DEFFÈS, PHARMACEUTICOS DE 1^a CLASE
Paris — 2, rue Drouot, 2 — Paris.

O Silphium administra-se em Granulos, Tintura e em Pó.

Em Rio-Janeiro: Ruffier-Martelet e Cia. — Em Bahia: Lima Irmaos e Cia. — Em Pernambuco: Bartolomeo e Cia.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Dá ao cabello uma cor natural, destroa a caspa e conserva o caso n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas tambem um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da assinatura do Doutor A. Holtz.

Les Abonnements et les Annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, rue de la Grange-Batelière, 14